

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICANÁLISE A VIA

INSTITUTO A VIA

FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE CLÍNICA

Sina Leimer

A EVOLUÇÃO DA PSICANÁLISE: Escolas e tendências na psicanálise contemporânea.

Salvador

2023

A evolução da psicanálise. Escolas e tendências na psicanálise contemporânea.

Sina Leimer

RESUMO- O artigo aborda o desenvolvimento da psicanálise, destacando cinco escolas psicanalíticas identificadas por meio de uma pesquisa bibliográfica. A primeira delas é teoria da pulsão e do conflito, seguido pela psicanálise do self, seguida pelas teorias da relação de objeto, pela psicanálise relacional e pela teoria psicanálise estrutural. O estudo revela quatro tendências gerais na psicanálise contemporânea. A primeira tendência destaca a transição da psicanálise individual para um enfoque mais centrado nos relacionamentos. A segunda tendência associa-se à focalização no tempo presente, no "aqui e agora", em detrimento do passado. A terceira tendência sugere a formalização de abordagens terapêuticas mais robustas. Por final, destaca-se uma quarta tendência relacionada à concentração na criação de uma estrutura na psique.

PALAVRAS-CHAVE: Evolução da Psicanálise. Psicanálise contemporânea. Escolas psicanalíticas.

1. Introdução

A psicanálise, concebida por Sigmund Freud no final do século XIX, emerge como um guia na exploração das complexidades da mente humana. Ao longo do tempo, essa disciplina inovadora tem passado por uma notável evolução, adaptando-se às mudanças sociais, avanços tecnológicos e novas perspectivas teóricas. Este artigo percorre o desenvolvimento da psicanálise, desde os seus primórdios com ênfase em cinco correntes da psicanálise contemporânea. O propósito fundamental deste trabalho é compreender a trajetória evolutiva da psicanálise e delinear suas características compartilhadas atuais. A reflexão sobre a transformação da psicanálise evidencia não apenas sua vitalidade, mas também sua habilidade em se reinventar diante dos desafios contemporâneos. Ao investigar a transição de uma abordagem mais clássica para análises mais recentes, busco proporcionar uma compreensão da rica evolução dessa disciplina. Este artigo, fundamentado em pesquisa bibliográfica, visa resumir as escolas e correntes atuais da psicanálise, destacando as tendências comuns nas abordagens contemporâneas.

2. Surgimento da Psicanálise

A psicanálise é uma abordagem teórica e terapêutica que busca compreender os processos mentais inconscientes e as influências desses processos no comportamento humano. Sua origem remonta aos trabalhos revolucionários do médico austríaco Sigmund Freud. Freud começou a desenvolver suas teorias no final do século XIX e no início do século XX, uma época em que as ideias sobre a mente humana estavam passando por mudanças significativas. Antes da psicanálise, o modelo predominante era baseado em concepções mais racionais e conscientes da mente. No entanto, Freud propôs que grande parte do funcionamento mental ocorre no nível do inconsciente, um reservatório de pensamentos, desejos e memórias inacessíveis à consciência imediata. Esses processos inconscientes desempenham um papel fundamental na determinação de nossos pensamentos, sentimentos e

ações. A obra seminal de Freud, "A Interpretação dos Sonhos", publicada em 1899, foi essencial para a fundamentação da psicanálise. Neste livro, ele introduziu conceitos como o inconsciente, o complexo de Édipo e o papel dos sonhos na revelação dos desejos reprimidos. Freud argumentou que as experiências da infância, muitas vezes relacionadas a conflitos e traumas, influenciam profundamente o desenvolvimento psíquico ao longo da vida. A psicanálise também enfatiza a importância do desenvolvimento psicosssexual, com ênfase nas diferentes fases do desenvolvimento da libido, como a oral, anal, fálica, de latência e genital. O pai da psicanálise argumentou que as experiências em cada uma dessas fases podem moldar a personalidade e a psicopatologia de um indivíduo. Além disso, a teoria psicanalítica aborda a estrutura da personalidade, que é composta por três componentes: o Id (instintos e desejos), o Ego (a parte consciente que lida com a realidade) e o Superego (a parte moral da personalidade). Essa estrutura da personalidade é central para a compreensão das dinâmicas psíquicas em psicanálise (Freud, 1996).

3. Evolução da Psicanálise

A jornada de Freud na psicanálise começou no final do século XIX e evoluiu significativamente ao longo do tempo. No início de sua carreira, Freud desenvolveu o conceito de histeria, uma condição que intrigou os médicos da época. Ele trabalhou com pacientes histéricos, usando a hipnose como uma ferramenta terapêutica. No entanto, Freud eventualmente abandonou a hipnose em favor da técnica de livre associação, onde os pacientes eram encorajados a falar livremente sobre seus pensamentos e memórias, o que se tornou um dos pilares da psicanálise. A psicanálise freudiana continuou a evoluir à medida que outros psicanalistas, expandiram as suas ideias, mas também introduziram modificações e desenvolvimentos em suas próprias teorias. Esses teóricos contribuíram para a evolução da psicanálise ao criar conceitos, abordagens e áreas de ênfase.

3.1 As escolas da Psicanálise Contemporânea

A psicanálise - da qual dificilmente se pode falar no singular - apresenta-se atualmente como uma disciplina integradora, ao mesmo tempo fragmentada. Principalmente desde 1975, a psicanálise mostrou uma pluralização das abordagens, métodos e práticas na clínica que mudaram seu perfil permanentemente (Michael Ermann, 2017.) O denominador comum entre as diferentes escolas continuou a dissolver-se. Principalmente, quando a psicanálise mudou do paradigma intrapsíquico para o paradigma das relações objetais. Este ponto de viragem está associado à constatação de que, além dos desejos instintivos, existem outras necessidades humanas básicas. Eles podem ser resumidos como desejos de relacionamento, intimidade, segurança e reconhecimento. Hoje, a psicanálise consiste em um extenso corpo de teorias, conceitos e procedimentos divergentes, cuja pluralidade é difícil a ser resumida. Mesmo assim, neste artigo vamos tentar se aproximar de uma síntese. As abordagens teóricas são hoje, combinadas com abordagens neurocientíficas atuais, investigados empiricamente. A sua origem está no pensamento de Sigmund Freud e o seu pressuposto da importância do inconsciente continua a ser válido atualmente. Em seguida, são apresentadas cinco escolas contemporâneas diferentes.

3.1.1 Teoria da pulsão e do conflito

O elemento central da teoria de Freud, partilhado por todas as escolas psicanalíticas, é a importância decisiva do inconsciente. Ao contrário das visões psiquiátricas comuns de sua época, Freud não localiza as causas dos sintomas neuróticos no orgânico, mas em forças pulsionais reprimidos, fantasias e desejos, que geralmente têm seu ponto de partida no complexo de Édipo - isto é, na relação com os cuidadores mais próximos, ou seja, os pais. Essas forças pulsionais são vivenciados como inaceitáveis, entram em conflito com ideias conscientes e são reprimidos. No entanto, eles continuam a atuar no inconsciente e a influenciar nossos pensamentos, sentimentos e ações. Eles aparecem em sonhos, em lapsos de língua ou em sintomas.

A abordagem freudiana consiste em tornar consciente o conteúdo reprimido e reavivar e trabalhar o conflito na situação psicanalítica atual - na relação com o analista, a chamada relação transferencial. Desde Freud, a teoria das pulsões diferenciou-se num campo inerentemente plural através de uma variedade de mudanças de ênfase. Enquanto alguns representantes adotaram abordagens a partir das teorias das relações objetais, outros focaram no conflito, ou seja, na estrutura da psique descrita por Freud composta por ego, id e superego e nos mecanismos de defesa. Um dos desenvolvimentos mais importantes e originais da teoria psicanalítica das pulsões na tradição freudiana vem de Jean Laplanche. Depois de estudar filosofia, Laplanche começou a estudar com Jacques Lacan na década de 1940 e, eventualmente, a estudar medicina. Na década de 1960, Laplanche afastou-se das teorias e abordagens de tratamento de Lacan e iniciou sua própria abordagem da obra de Freud. Jean Laplanche deixou uma marca duradoura na teoria psicanalítica por meio de suas contribuições significativas, especialmente em relação à fantasia e à teoria da sedução. Sua abordagem única incorpora a linguagem e a comunicação como elementos essenciais na formação do inconsciente e na compreensão das experiências psíquicas precoces. Laplanche expandiu e redefiniu o conceito de fantasia, indo além da abordagem inicial de Freud. Para ele, a fantasia não é apenas um produto individual, mas também é influenciada por fatores culturais e sociais, refletindo a natureza generalizada da sedução. Em sua visão, a fantasia desempenha um papel central na vida emocional e sexual do indivíduo. A teoria da sedução generalizada, desenvolvida em colaboração com Jean-Bertrand Pontalis, destaca a importância das experiências precoces, especialmente aquelas relacionadas à sexualidade, na formação do inconsciente (1968). Laplanche propõe que a criança é "seduzida" por estímulos inicialmente externos, e que essas seduções se internalizam ao longo do tempo, moldando o desenvolvimento psíquico. Segundo Laplanche, a psicanálise não se trata de rastrear um conteúdo originalmente dado e depois reprimido, mas de novas traduções, desconstruções e construções de conteúdos - que devem permanecer sempre misteriosos e inacessíveis porque provêm do outro.

3.1.2 Psicanálise do Self

As abordagens centrais da Psicanálise do Self foram formuladas por Heinz Kohut em Chicago, nas décadas de 1960 e 1970. Um dos seus precursores mais importante é Winnicott que introduziu os conceitos de verdadeiro self e falso self. Segundo Winnicott (1983), o verdadeiro self surge assim que há qualquer organização psíquica na pessoa. Logo, o conceito de verdadeiro self remeteria aos rudimentos – antes de haver uma separação entre interior e exterior – do que posteriormente constitui a realidade interna da criança. O verdadeiro self refere-se ao gesto espontâneo da criança, ou seja, o conjunto de expressões criativas do bebê desde o início da vida. Uma “mãe suficientemente boa” buscaria, em certa medida, se adaptar a estes “gestos” a partir de sua sensibilidade aos movimentos (físicos e afetivos) da criança (Winnicott, 1983). O falso self, por sua vez, aludiria a uma organização decorrente das ameaças ao verdadeiro self. Quando a função materna não é suficientemente boa, o gesto espontâneo do bebê não é continuado sendo este submetido à necessidade de se adaptar ao ambiente. Assim, diante de um ambiente que não é suficientemente bom, o falso self constitui uma defesa – e ao mesmo tempo uma proteção necessária – para a sobrevivência do verdadeiro self. Nestes casos, o falso self cuida e garante a existência do verdadeiro self. Kohut estendeu o trabalho de Winnicott em sua investigação do narcisismo. Ele é de opinião que o Self se desenvolve de forma independente e segue seus próprios princípios psíquicos, o que pode explicar os transtornos mentais. Estes baseiam-se no comprometimento da autorregulação. Isto significa que estes distúrbios, que Kohut chama de neuroses narcisistas, podem ser atribuídos a uma sensação de perigo a qual surgiu por causa de uma autoimagem e autoestima instável. Nos transtornos narcisistas, em comparação com a psicanálise clássica freudiana, a teoria pulsional desempenha um papel menor. A autoestima é produto de processos interpessoais e eles são o resultado de processos de espelhamento nas interações iniciais com os cuidadores (Kohut, 1971). Em contraste com a teoria das pulsões, a psicanálise do Self não vê o sofrimento psíquico como enraizado em conflitos de pulsões, mas sobretudo num self fraco ou pouco desenvolvido, que surge, entre outras coisas, de uma falta de empatia e afeto por parte dos cuidadores na infância. Kohut (1977) entende o complexo de Édipo como um fenômeno secundário e interpreta-o como uma tentativa de compensar uma relação inadequada entre a criança e as primeiras figuras de vinculação importantes.

A abordagem terapêutica da psicanálise do Self visa, portanto, o estabelecimento de um Self coerente ou a cura de um Self danificado e não, como na teoria da pulsão, através da resolução de conflitos infantis. Uma vez que o sofrimento psíquico é visto como uma falta de desenvolvimento do Self, a empatia desempenha um papel central no modo de tratamento da psicanálise do Self. Com o seu foco na relação analítica, a psicanálise do Self contribuiu significativamente para o desenvolvimento da abordagem relacional na psicanálise. Kohut iniciou uma nova escola com seus próprios conceitos. Sua psicanálise do Self constitui hoje uma orientação que foi incorporada em diversas escolas psicanalíticas.

3.1.3 Teorias da relação de objeto

As teorias da relação de objeto representam abordagens heterogêneas, que remontam principalmente a Melanie Klein (1948), e Donald Winnicott (1973), e se centram na relação interativa do bebê com outra pessoa (objeto), que está presente desde o início. Estas relações de objeto pré-edipianas são consideradas centrais para o desenvolvimento psíquico posterior. Se não forem bem-sucedidas, favorecem o desenvolvimento de doenças mentais graves. Melanie Klein descreve os primeiros meses de vida do bebê como um período marcado por medos existenciais. Para lidar com estes medos, a criança pequena utiliza certos mecanismos de defesa, como a divisão em partes boas e más do eu e do objeto ("seio bom" e "seio mau"), bem como a projeção das partes negativas para o exterior. Através de uma boa relação com as primeiras figuras de vinculação (mãe, pai), a criança aprende a lidar melhor com os medos e os fracassos, a abandonar os mecanismos de divisão e a lidar com as ambivalências internas e externas. Um importante desenvolvimento da teoria kleiniana da relação de objeto, vem de Wilfred Bion. Ele descreve a função da mãe como um "contentor"; ela absorve os estados psíquicos insuportáveis do bebê e ajuda-o a suportar as tensões e os medos, o que permite a sua integração no ego da criança (Bion, 1962). As teorias das relações de objeto deram um contributo considerável para a compreensão e tratamento das condições paranoides e esquizoides em particular. O exame intensivo das fases das relações de objeto iniciais também se reflete nas suas abordagens de tratamento: Na análise da relação de transferência entre analista e analisando, as relações de objeto podem ser trabalhadas no aqui e agora.

O psiquiatra austríaco Otto F. Kernberg conseguiu combinar a abordagem da teoria das relações objetais da escola de Melanie Klein com a psicanálise do Self americana. Isto permitiu-lhe integrar os principais conceitos das décadas de 1960 e 1970, e por isso é considerado um dos clínicos e teóricos mais influentes da psicanálise depois de 1975. A característica especial de seu trabalho é a combinação de teoria e tratamento sistemáticos com pesquisa empírica. Isto se aplica especialmente à patologia borderline. Aqui, em conjunto com outros, desenvolveu um manual de tratamento que permite uma avaliação sistemática e teste de eficiência do procedimento. Dada a necessidade de estudos empíricos sobre os efeitos da psicoterapia analítica, esta é uma conquista inestimável (Kernberg, 1984).

3.1.4 Psicanálise relacional

A abordagem relacional assume que as pessoas vivem em relações desde o nascimento e que essas relações se refletem na organização psíquica, isto é, no Self. As pessoas estão sempre dependentes dos outros para manter a coerência de si mesmas. Este princípio é garantido pela influência mútua inconsciente. A abordagem relacional estabelece um novo conceito em psicanálise que não consegue ver a psique individual, independentemente da relação. A abordagem relacional inverte a relação entre a psique individual e o relacionamento: No pensamento ocidental convencional, o relacionamento surge do encontro entre dois indivíduos. Contrariamente a esse pensamento, a psicanálise relacional vê a relação como o fundamento, enquanto o indivíduo só se desenvolve na relação (Ermann, 2017). Esta teoria vai além das teorias das relações objetais, vendo o relacionamento não apenas como uma estrutura para o desenvolvimento, mas como a matriz a partir da qual o indivíduo é criado. Um dos pioneiros desta abordagem foi Kohut (1977), que deu um impulso importante com a sua teoria do autodesenvolvimento numa relação empática. Esta abordagem foi adotada e desenvolvida nos EUA na década de 1990 por Robert Stolorow, George Atwood e colegas (1996). O cerne da psicanálise relacional é a visão do ser humano como um ser, cujo desenvolvimento é moldado e impulsionado por suas relações primárias - em contraste com a motivação de base biológica de acordo com o modelo de estrutura pulsional freudiana. Jay Greenberg e Stephen Mitchell cunharam o termo "relacional" na sua obra de 1983, *Object Relations in*

Psychoanalytic Theory. Mitchell está, preocupado com relacionamentos conflitantes e não, como Freud, com impulsos e destinos instintivos. A psicanálise relacional coloca o encontro na situação psicanalítica no centro. Ela reconhece que ambos os participantes contribuem para o encontro, e juntos criam a natureza e o conteúdo do diálogo psicanalítico. A realidade do relacionamento é construída pelo paciente e pelo analista. A psicanálise relacional representa uma direção psicanalítica relativamente jovem que, embora tenha conceitos característicos, não pode ser entendida como uma escola fechada. A sua abordagem é integradora e plural, ela aceita conceitos de outras escolas psicanalíticas, mas também os atuais discursos feministas, queer e pós-modernos. O objetivo é contrariar as fraquezas das abordagens individuais - tais como a negligência dos conflitos psíquicos internos na abordagem interpessoal, a subdeterminação das relações sociais na teoria da pulsão ou a insuficiente consideração da sexualidade na teoria das relações de objeto - através de uma perspectiva complementar. O conceito freudiano de pulsões é rejeitado pela psicanálise relacional como monádico; em vez disso, o conceito de "matriz relacional" como uma estrutura relacional inicial assume um papel central. O inconsciente não é concebido como consistindo em representações de pulsões reprimidas, mas sim como sendo constituído por fragmentos não integrados que têm origem em experiências relacionais. A psicanálise relacional não se trata de interpretações unilaterais ou da mera revelação de conteúdos reprimidos, mas de compreender a relação intersubjetiva em desenvolvimento dinâmico que também é evidente entre analista e analisando. A abordagem coloca a matriz relacional no centro da psicanálise e submeteu a posição do analista, em particular, a uma revisão crítica. O analista já não é um observador externo, avaliador e intérprete, mas é sempre também um co-constituente do contexto psicanalítico. No contexto da psicanálise relacional, o tratamento psicanalítico visa trazer à tona significados subjetivos que são negociados entre paciente e analista e explorá-los no aqui e agora. A relação aqui e agora domina completamente o campo da observação e da percepção, enquanto a referência ao desenvolvimento, isto é, à biografia, já não desempenha qualquer papel. A abordagem relacional reuniu e integrou uma série de pressupostos básicos que já encontraram eco em outras correntes da psicanálise.

3.1.5 Psicanálise estrutural lacaniana

A psicanálise estrutural está essencialmente ligada ao nome do analista e psiquiatra francês Jacques Lacan, cuja palestra “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise” de 1953 pode ser considerada o trabalho inicial desta escola analítica. Partindo de uma crítica ao abandono do inconsciente e do conflituoso nas abordagens psicanalíticas de sua época, Lacan convoca um “retorno a Freud”. Do antropólogo estrutural Claude Lévi-Strauss, Lacan adotou a ideia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Na psicanálise estrutural, a linguagem não tem apenas o estatuto de sistema de comunicação secundário; a linguagem, como sistema simbólico que precede o indivíduo, estrutura essencialmente a subjetividade humana e, portanto, também o inconsciente. Lacan não vê isso como um reservatório oculto de pulsões reprimidas, mas sim como os efeitos da linguagem que dividem e alienam o sujeito. Lacan é considerado um dos psicanalistas mais importantes da França, um importante intelectual francês do século XX, mas também o “enfant terrible” de sua profissão. O psiquiatra formado não só contribuiu significativamente para a difusão da psicanálise na França, mas também fundou sua própria escola com sua reinterpretação da obra de Freud a partir de uma perspectiva filosófica e linguística. Já em 1936, Lacan deu uma importante contribuição para a compreensão da emergência do ego em sua dependência radical dos outros com sua palestra sobre o “estágio do espelho” no Congresso da Associação Psicanalítica Internacional. Suas críticas a certas formas de psicanálise, especialmente à psicanálise do Self, contribuíram para o desentendimento com seu analista educacional Rudolf Loewenstein em 1938. Sua teoria e prática pouco ortodoxa levou à expulsão de Lacan da Société Française de Psychanalyse (SPF) em 1963 e à fundação de sua própria associação psicanalítica, a École freudienne de Paris, em 1964. O conceito de falta constitutiva do sujeito é central para a psicanálise estrutural. Na tentativa de remediar a deficiência, o sujeito deve recorrer à linguagem como sistema simbólico. Esta etapa de desenvolvimento descrita por Lacan pode ser lida como uma versão estrutural do complexo de Édipo. A psicanálise estrutural aborda o inconsciente através da análise do discurso literal. O objetivo da psicanálise segundo ideias estruturais não é a recordação de experiências reprimidas, nem a ab-reação dos afetos ou o fortalecimento do Self, mas sim a “articulação da verdade” do próprio “desejo”. A entrada do homem na ordem simbólica ou social é descrita por Lacan no estágio do

espelho: Primeiro, a criança mantém uma relação simbiótica com a mãe e o mundo exterior. Com a idade de seis a oito meses, a criança atinge o estágio do espelho: quando se olha no espelho, vê uma imagem integrada de si mesma. Pela primeira vez, a criança percebe seu corpo não como um fragmento, mas como um todo, assim como as outras pessoas o percebem. O Eu, portanto, não é criado dentro do sujeito, mas surge fora de nós, como uma unidade imaginária “no outro”. Com a entrada na linguagem, ocorre também a cisão do ego. É aí que surge o inconsciente, pois esta entrada significa também a saída do 'paraíso' da simbiose e, portanto, da repressão primal que cinde o sujeito.

4. Conclusão

Ficou obvio que a psicanálise, desde o seu início, há mais de 120 anos, passou por muitos desenvolvimentos e evoluiu para uma variedade de escolas e correntes em todo o mundo. Por isso é difícil falar sobre “a psicanálise contemporânea”, também porque ela é aplicada em quase todos os países do mundo. Para as sociedades ocidentais talvez se possa dizer que o desenvolvimento dos procedimentos psicanalíticos nas últimas décadas não pode ser visto independentemente da liberalização da sexualidade, da transformação das estruturas familiares tradicionais e, certamente, também da digitalização das esferas da vida. Porém, podemos identificar quatro linhas gerais de desenvolvimento de psicanálise moderna, que talvez sejam características da maioria dos métodos contemporâneos (Ermann, 2017).

Primeiramente, podemos perceber uma tendencia da psicanálise individual a um trabalho mais focado em relacionamento. Hoje o trabalho na relação terapêutica é entendido como o cerne dos procedimentos psicanalíticos. Como resultado, o papel do terapeuta mudou fundamentalmente: ele deve tornar-se mais tangível, disponível como pessoa de relacionamento. Marcos importantes nesse desenvolvimento são a tal chamada psicanálise relacional, surgida nos EUA na década de 1990. A segunda tendencia da psicanálise contemporânea é associada ao foco no tempo atual, o aqui e agora, e menos no passado. O objetivo da terapia é menos descobrir algo do passado, mas criar algo novo. O passado é importante para o trabalho terapêutico, na medida em que é um passado ritualizado: Padrões de experiência antigas moldam

os relacionamentos de hoje - e, portanto, também se tornam tangíveis no espaço terapêutico. Uma expectativa interna solidificada pode vir de experiências na infância. É importante, compreender o padrão, o repetitivo através do agora dentro da relação terapêutica. A terceira tendência de muitas abordagens psicanalíticas contemporâneas é formalizar abordagens terapêuticas mais fortemente. O método clássico da psicanálise era tematicamente aberto, a livre associação permitia uma liberdade total. Um processo que deve encontrar seu próprio caminho sem meta prescrita. No entanto, para o tratamento de certas doenças mentais, tem-se revelado importante pré-estruturar mais fortemente a abordagem terapêutica. Especialmente quando os pacientes dificilmente conseguem criar ou manter estruturas internas, como é frequentemente o caso dos chamados distúrbios borderline, ou quando o próprio mundo interior é tão avassalador que um encontro emocional aberto pode ser assustador e devastador, como é o caso de transtornos graves relacionados a traumas. Nestes casos é importante que a abordagem terapêutica seja estruturada e fornece uma estrutura e ajudas tangíveis (Ermann, 2017). A terapia baseada na mentalização, a terapia interpessoal dinâmica para depressão grave ou a psicoterapia relacionada à estrutura referem-se a procedimentos de base psicanalítica que são mais direcionados e pré-estruturados. Estas abordagens incluem tão chamados “manuais de terapia”, instruções mais ou menos específicas nas quais o procedimento terapêutico é descrito sistematicamente. A terapia é dividida em determinadas fases e um conjunto de intervenções terapêuticas são descritas. Como linha final de desenvolvimento podemos detectar a concentração na criação de uma estrutura. Para doenças que antes eram consideradas difíceis de tratar, abordagens terapêuticas foram desenvolvidas. Por exemplo, para patologias de personalidade como borderline ou narcisismo ou mesmo para patologias psicóticas. No entanto, essas terapias geralmente têm menos a ver com a descoberta de conflitos inconscientes e mais com a construção de estrutura mental. Em particular as terapias psicanalíticas de longo prazo geralmente envolvem o trabalho nos chamados “distúrbios iniciais” relacionados com o desenvolvimento inicial do Self. Descobrir conflitos inconscientes, reconstruir a própria história de infância e de vida e integrá-los na própria identidade são conquistas psíquicas que exigem um ego já consolidado e uma certa capacidade integrada de pensar. Um distúrbio precoce significa que esta capacidade de integração está prejudicada, especialmente quando há afetos fortes. Resumindo, a psicanálise contemporânea é caracterizada por uma diversidade de linhas de pensamento que se

desenvolveram a partir das ideias originais de Sigmund Freud e de outros pioneiros da psicanálise. Essas linhas oferecem novas perspectivas sobre o funcionamento da mente humana, elas dão uma nova ênfase as dinâmicas dos relacionamentos, e abriram o caminho para novas práticas clínicas.

REFERÊNCIAS

- BION, W. R. **A Theory of Thinking**. London: Routledge, 1988. (Originalmente publicado em 1962).
- DORNES, M. **Der kompetente Säugling**. Frankfurt a. M.: Fischer, 1993.
- ERMANN, M. **Psychoanalyse heute: Entwicklungen seit 1975 und aktuelle Bilanz**. Stuttgart: Kohlhammer, 2017.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ano de publicação original: 1905.)
- FREUD, S. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ano de publicação original: 1923.)
- FREUD, S. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Ano de publicação original: 1914.)
- GREENBERG, J. R.; MITCHELL, S. A. **Object Relations in Psychoanalytic Theory**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.
- KLEIN, M. **Infant analysis**. London: Hogarth Press, 1948.
- KERNBERG, H. **Schwere Persönlichkeitsstörungen**. Stuttgart: Klett-Cotta, 1984.
- KOHUT, H. **The Analysis of the Self. A Systematic Approach to the Psychoanalytic Treatment of Narcissistic Personality Disorders**. New York: International Universities Press, 1971.
- KOHUT, H. **The Restoration of the Self**. Madison CO: International Universities Press, 1977.
- LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS J-B. **Fantasy and the origins of sexuality**. In: Psychoanalytical Journal, 1968.
- STOLOROW, R. D.; BANDCHAFT, B.; ATWOOD, G. E. **Psychoanalytische Behandlung. Ein intersubjektiver Ansatz**. Frankfurt a. M.: Fischer, 1996.
- WINNICOTT, D. W. **The Child, the Family, and the Outside World**. Middlesex, 1973.
- WINNICOTT, D.W. **Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self**. Porto Alegre: Artmed, 1983.